

Competitividade das exportações brasileiras de frutas para o mercado Europeu

 <https://doi.org/10.56238/sevned2024.023-030>

Julio Rodrigues

Professor Adjunto II do curso de Administração da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão- UEMASUL.
E-mail: juliorodrigues@uemasul.edu.br

Tales Wanderley Vital

Engenheiro Agrônomo pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (1969), Mestre em Economia Agrícola

pela Universidade Federal do Ceará (1977) e Doutor em Economia pela Universidade Federal de Pernambuco (1991). Pós-Doutor em Comércio Internacional Agrícola por Paris1 Oantheon Sorbonne (1997) e Pós-Doutor em Economia Territorial por Grenoble II (2008). Professor Associado III da Universidade Rural de Pernambuco. Atua na área de Economia, nos temas: política agrícola, cadeia produtiva, agricultura familiar e desenvolvimento rural.
E-mail: talesvital@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo avaliar a competitividade das exportações brasileiras de frutas para o mercado europeu, através do modelo *Constant Market Share* e da Vantagem Comparativa Revelada, no período de 1990 a 2009 e de 2000 a 2009, para os dois modelos, respectivamente, usando as seguintes culturas: manga, uva, mamão e o melão. O resultado obtido através do modelo aplicado mostrou que no primeiro e segundo períodos o Brasil mostrou-se competitivo nas exportações da uva, melão e manga para o mercado europeu e que essa competitividade se deve em função da qualidade; quanto ao mamão, verificou-se que, em detrimento do mercado de destino, exportou-se no primeiro e segundo períodos indistintamente. O país apresenta uma Vantagem Comparativa em todas as frutas que compõem a cesta analisada, porém, mesmo com esta vantagem na produção e geração de excedente, existem outros fatores determinantes nas exportações brasileiras de frutas. Apesar de as empresas nacionais desse ramo terem demonstrado um bom desempenho, as exportações brasileiras são afetadas pela competitividade sistêmica que agrega os custos de energia, transporte interno, taxa do câmbio e precariedades das infraestruturas, o que abrange estradas, portos e aeroportos.

Palavras-chave: Competitividade, Vantagem Comparativa, Exportações, Frutas.

1 INTRODUÇÃO

O mercado internacional de frutas assinala para cifras superiores a US\$ 29 bilhões/ ano e o crescimento é de 5% ao ano. Em grande parte, este mercado é constituído por frutas de clima temperado, típicas da produção e do consumo no Hemisfério Norte – embora seja elevado o potencial de mercado para as frutas tropicais –, e quando se acrescentam os valores das frutas processadas, as cifras superam US\$ 100 bilhões de dólares (ANDRIGUETO; NASSER; TEIXEIRA, 2008).

Ao longo dos últimos anos, o mercado internacional de frutas vem crescendo a taxas significativas e este crescimento vem sendo acompanhado por um expressivo aumento da produção. Alguns países com vastos territórios como China, Índia e Brasil tiveram forte participação produtiva. No caso brasileiro, a região Nordeste se destacou, tendo excelente desempenho na produção e exportação de frutas. Apesar disso, a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO, 2010) constatou que em 2008 a soma da produção da manga, melão, uva e mamão foi de 125.753 (cento e vinte cinco milhões e novecentos e cinquenta mil) toneladas, apresentando assim uma ligeira queda de 0,35% em relação ao ano anterior.

Os três principais países produtores mundiais de frutas, China, Índia e Brasil, detêm mais de 40% de toda a produção mundial (FAO, 2010). Estes três países se privilegiam de vastos territórios e cada um tem amplo mercado interno, contudo, isto não justifica a fraca participação dessas nações no mercado internacional, uma vez que as exportações de frutas são condicionadas a vários fatores. Por exemplo, segundo Galvão (2010), no que concerne aos principais países produtores mundiais de frutas, Equador ocupou a décima sétima colocação em 2008. Porém, em 2007, este país foi o primeiro exportador mundial de frutas entre os principais países exportadores.

Entre as frutas que compõem a cesta de análise aqui estudada, a uva, em relação às demais, é a mais produzida, seguida pela manga, melão e mamão, como ilustra a Tabela 1, a seguir:

Tabela 1: Produção Mundial de uva, manga, melão e mamão no período de 2004-2008 (Ton.)

Tipos de frutas	2004	2005	2006	2007	2008
Uva	59.556.350	59.387.981	59.293.871	57.101.503	59.013.092
Manga	26.900.991	28.932.198	30.636.179	31.459.632	31.934.668
Melão	23.043.606	24.386.028	25.333.705	25.664.112	25.746.395
Mamão	8.260.919	7.724.553	8.566.564	8.846.516	8.723.050

Fonte: Elaborada pelo autor a partir de dados da FAO (2010).

A participação do Equador se deve à presença de cinco empresas multinacionais¹ que atuam neste país da América do Sul e em outros ao longo da América Latina, inclusive no Nordeste brasileiro, além de em várias nações do Continente Africano. Apenas essas cinco empresas juntas dominam

¹ As empresas são: Dole Food Company, Chiquitita Brands International, Del Monte Fresh Produce ou Fresh Del Monte Produce e Fyffes e Noboa.

mais de 70% das exportações mundiais, estabelecendo-se a partir de vantagens locais e em áreas onde a mão de obra é bastante barata (ALBANO, 2009).

Tabela 2: Principais países exportadores mundiais de frutas (em volume e %) - 2007

País	Quantidade (Ton.)	% Total
Equador	5.330.868,00	9,24
Espanha	4.851.648,00	8,41
Chile	4.069.311,00	7,05
Costa Rica	3.889.293	6,74
Estados Unidos	2.902.312,00	5,03
Bélgica	2.333.996,00	4,04
Itália	2.279.046,00	3,95
México	2.137.313,00	3,70
África do Sul	2.111.166,00	3,66
China	2.103.559,00	3,65
Filipinas	2.101.040,00	3,64
Holanda	2.045.952,00	3,55
Guatemala	1.894.217,00	3,28
Colômbia	1.652.356,00	2,86
Argentina	1.473.277,00	2,55
França	1.177.084,00	2,04
Turquia	962.376,00	1,67
Brasil	918.307,00	1,59
Honduras	845.754,00	1,47
Panamá	840.946,00	1,46
Outros 153 Países	11.784.105,00	20,42
Total	57.703.926,00	100,00

Fonte: Elaborado por Galvão (2010), a partir de dados da FAO (2009).

O setor agrícola brasileiro tem se contribuído de forma positiva para o crescimento da produção e exportação no conjunto da economia nacional e colaborando com uma parcela significativa no desempenho da balança comercial brasileira, principalmente na geração do emprego no campo, sobretudo no segmento da fruticultura irrigada (GALVÃO, 2010).

Os dados da FAO (2010) e da COMTRADE (2011) mostram um crescimento do mercado internacional de frutas frescas, dando assim possibilidades de inclusão neste contexto a países com extensos territórios, e o Brasil se insere nessa realidade com a possibilidade de aumentar a sua participação e produtividade. A região Nordeste do país tem um papel fundamental, sendo que esta, ao longo dos últimos anos, vem buscando articular políticas públicas regionais no sentido de desenvolver esforços produtivos e comerciais, como intuito de ampliar a sua inserção no mercado internacional de frutas (MARTINELLI; CAMARGO, 2002).

No entanto, inserir-se no fortemente exigente e altamente competitivo mercado europeu, o qual importa frutas de todos os continentes, não é uma tarefa simples, banal. Trata-se de um mercado internacional de frutas que está longe de ser de fácil domínio, em função de barreiras fitossanitárias,

preferências comerciais e com mudanças significativas relacionadas à produção, comercialização, legislação e logística.

Este trabalho realiza uma análise da competitividade das exportações brasileiras de frutas, buscando responder à seguinte questão: em decorrência do dinamismo do mercado internacional de frutas, de que maneira empresas brasileiras produtoras e exportadoras de frutas se posicionam para competir no mercado internacional? Além disso, como objetivo específico do estudo, procura-se avaliar a competitividade das exportações brasileiras de frutas com base nos indicadores *Constant Market Share*.

2 METODOLOGIA

2.1 MODELO *CONSTANT MARKET SHARE*

Para atingir um dos objetivos do presente trabalho, utilizou-se o método *Constant Market Share* (CMS), o qual possibilita o entendimento dos fatores determinantes que influenciam o desempenho das exportações de um determinado produto, a partir do mercado de destino e em relação às importações totais mundiais.

Segundo Leamer e Stern (1970), (1) as exportações podem ser concentradas em *commodities* cuja demanda está crescendo de forma relativamente lenta; (2) as exportações podem estar indo principalmente para regiões relativamente estagnadas ou (3) do país em questão, que pode ter sido incapaz ou capaz para competir efetivamente com outras fontes de abastecimento.

Mais uma vez, é válido ressaltar que o modelo CMS analisa o crescimento da participação das exportações nos seguintes indicadores: crescimento do comércio internacional, composição da pauta das exportações, destino das exportações e competitividade determinada pelo resíduo das demais exportações.

De acordo com Sereia, Nogueira e Câmara (2002), o modelo CMS apresenta como principal vantagem a possibilidade de análise por componente e pelo comportamento do produto no mercado de destino, indicando dessa forma os mercados onde o país apresenta maior competitividade. Leamer e Stern (1970) desenvolveram o modelo CMS de seguinte forma:

V_i = total do valor das exportações do produto i do país A, período I;

r_i = incremento das exportações mundiais do produto i do período I para o período II. V_{ij} = total do valor das exportações do produto i do país A, para o país B, no período I;

V^*_{ij} = total do valor das exportações do produto i do país A, para o país B, no período II;

r_{ij} = aumento das exportações mundiais do produto i para o país B do período I para o período II.

Dessa feita, a equação resultante pode ser reunida em:

$$\begin{aligned}
 V^* - V' &\equiv \sum \sum r_{ij} V_{ij} + \sum \sum (V^*_{ij} - V_{ij} - r_{ij} V_{ij}) \\
 V^* - V &\equiv rV + \sum \sum (r_{ij} - r_i) V_{ij} + \sum \sum (V^*_{ij} - V_{ij} - r_{ij} V_{ij}) \quad (1) \\
 &\quad (a) \qquad (b) \qquad (c)
 \end{aligned}$$

Segundo Leamer e Stern (1970), considerando as equações acima, têm-se os efeitos (a) e (b), associados a fatores externos, e os efeitos (c) nos quais:

(a) = representa o efeito do crescimento de comércio mundial – se o aumento ou a diminuição das exportações do país A tiveram a mesma taxa do crescimento ou decréscimo com relação ao comércio mundial;

(b) = efeito destino das exportações – mudanças em função das exportações de produtos para o mercado com crescimento mais ou menos eficaz;

(c) = efeito residual, representando a competitividade – implica a diferença entre a elevação atual e o crescimento que teria ocorrido nas exportações do país A se tivesse sido mantida a parcela de exportação de cada bem para país.

- $r_i V_i$ = crescimento do mercado de i;
- $\sum (r_{ij} - r_i) V_{ij}$ = destino das exportações de i;
- $\sum (V^*_{ij} - V_{ij} - r_{ij} V_{ij})$ = Competitividade²

2.2 VANTAGEM COMPARATIVA REVELADA

Outro elemento para mensurar a competitividade que vários autores já empregaram é o indicador de Vantagem Comparativa Revelada. Esse indicador mensura a participação de certo produto no total das exportações de determinado setor de um país com relação à participação do mesmo produto no total das exportações mundiais do mesmo setor (TURINA; BURNQUIST, 2005).

De acordo com Holanda (2002), um país se beneficia da vantagem comparativa quando a sua inserção no comércio internacional é eficiente em termos de alocação de seus fatores de produção, ou seja, conceitualmente, o país apresenta a Vantagem Comparativa quando se dedica efetivamente aos setores/produtos que apenas são mais eficientes em termos comparativos e essa eficiência o torna mais vantajoso no comércio internacional.

Segundo Vitti (2009), no mundo real a distribuição de fatores acontece de forma diferenciada e por essa razão os custos de oportunidades são diferentes. Os países devem se focar na produção dos produtos nos quais se apresentam vantagens comparativas, e esse é caso brasileiro que, grosso modo, a expõe na produção de frutas em relação aos países do bloco da União Europeia (UE).

Desse modo, o indicador de Vantagem Comparativa Revelada é definido por:

² As demonstrações detalhadas do modelo podem ser encontradas em Leamer e Stern (1970) e Rodrigues (2012).

$$x_{kj} VCR_k = (X_{\text{país}} / X_{\text{país}}) / (Y_{\text{mundo}} / Y_{\text{mundo}}) \quad (2)$$

Em que:

VCR_{kj} = Vantagem comparativa revelada do produto k do país j;

$x_{kj}^{\text{país}}$ = exportações do bem k do país ou região j;

$X_{zj}^{\text{país}}$ = exportações totais do país ou região j;

Y_k^{mundo} = exportações do bem k no mundo;

Y_z^{mundo} = exportações totais do mundo.

Portanto, quando $VCR_{kj} > 1$, conclui-se que o produto k apresenta a Vantagem Comparativa Revelada; se $VCR_{kj} < 1$, então o produto k apresenta desvantagem Comparativa Revelada. Caso o $VCR_{kj} = 1$, o país ou região j não terá vantagem nem desvantagem na produção do produto, nesse caso, a produção local abastece as necessidades de consumo interno, e afirma-se que não existe excedente para ser exportado, como caracteriza Silva (2006).

3 FATORES DE COMPETITIVIDADE NO SETOR EXPORTADOR DA FRUTICULTURA

A competitividade se destacou, entre meados da década de 1980 e 1990, através dos debates sobre política industrial. De acordo com Farina (1999, p. 149), a “competitividade não tem uma definição precisa, pelo contrário, compreende tantas facetas de um mesmo problema que dificilmente se pode estabelecer uma definição ao mesmo tempo abrangente e útil”. A autora foi ainda mais longe ao definir competitividade como a capacidade de a empresa permanecer no mercado e, de preferência, crescer em mercados concorrentes ou em novos mercados.

O termo *competitividade* é aplicado tanto às nações como às empresas. Conforme Di Serio e Vasconcellos (2009), uma das definições mais precisas da competitividade é a participação do mercado mundial que um país tem para com seus produtos, o que faz com que ela se torna um jogo em que os ganhos de cada país ocorrem em função de outros países. Para Porter (2004), o sucesso ou fracasso de qualquer empresa depende da sua vantagem competitiva, e a estratégia competitiva é a procura de uma posição estratégica privilegiada em uma empresa, a arena importante onde ocorre a concorrência.

Benites e Valério (2004) esclarecem que a empresa é competitiva quando apresenta eficiência no desempenho das suas atividades e o valor final criado pode ser medido pela disposição dos consumidores em pagar pelos produtos por ela oferecidos.

Na visão de Santos (2006), a competitividade relaciona a empresa e o seu mercado. Conceitualmente, a competitividade é um resultado positivo desta relação direta, ou seja, a capacidade de a empresa criar e conduzir de forma eficiente as relações que geram resultados favoráveis a ela, o que significa dizer que uma organização só é competitiva se tiver a capacidade de produzir produtos e serviços de qualidade superior e a custos mais baixos que os seus concorrentes.

3.1 OS FATORES DETERMINANTES DA COMPETITIVIDADE NO SETOR EXPORTADOR DAS FRUTAS BRASILEIRAS

Na última década (2001-2010), o setor brasileiro da fruticultura tem melhorado bastante com a participação de diferentes atores, especialmente o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, além de outros órgãos estatais, haja vista que ser competitivo no mercado externo exige esforço conjunto e competência. No entanto, apesar dos esforços empreendidos, o país possui gargalos que dificultam a competitividade e afetam o setor, tais como o elevado custo dos fretes, os problemas nos portos e a desvalorização do dólar.

A qualidade das frutas brasileiras como fator determinante para a competitividade no mercado internacional. A preocupação mundial com o tipo de alimento a ser consumido faz com que a qualidade seja um importante fator para a competitividade das empresas produtoras/exportadoras de frutas, em todos os continentes.

Segundo Souza e Amato Neto (2006), a expansão das redes de *fast food*, que comercializam alimentos ricos em gorduras e carboidratos e pobres em frutas, tem gerado sérios problemas de saúde em grande parte dos países desenvolvidos. No caso específico da Inglaterra, os estudos comprovaram que a má dieta alimentar se relaciona com as doenças do coração, e estima-se que o governo inglês gaste em torno de US\$ 7 bilhões para tratá-las.

Em consequência desses fatos, surgiu a preocupação em se consumirem alimentos saudáveis. Nos países desenvolvidos, os especialistas vêm recomendando a ingestão de, no mínimo, cinco porções de frutas e outros vegetais, ao dia, para uma dieta equilibrada. A preocupação, no entanto, não diz respeito apenas ao consumo, mas, também, à qualidade desses alimentos.

O mercado importador avalia a qualidade das frutas sob duas óticas; uma é a qualidade extrínseca, na qual os atributos do produto podem ser visualizados através dos preços, aparência, formato, cor e tamanho, enquanto que a qualidade intrínseca se relaciona aos danos ao meio ambiente em seu processo produtivo, ausência de aditivos e conservantes, ausência de resíduos químicos, adequados valores nutritivos e confiança de consumidores nos produtos ou nas empresas (SOUZA; AMATO NETO, 2006, p.404).

O selo da certificação entra justamente na qualidade intrínseca, que é aquela que não pode ser visualizada pelos consumidores. Por meio da certificação, no entanto, é possível dar a conhecer determinados atributos do produto, garantindo, assim, a sua qualidade. Para Souza e Amato Neto (2006), os principais padrões de certificação, exigidos pelo mercado importador das frutas frescas, são os globais e os privados.

De acordo com a FAO (2010, p. 22) “atualmente os consumidores estão cada vez mais preocupados em consumir alimentos saudáveis e respeitando o meio ambiente e o bem estar dos trabalhadores”. Devido a essa preocupação, foram criadas as Boas Práticas Agrícolas (BPA) e a Análise

dos Perigos e Pontos Críticos de Controle (APPCC), sendo esta última um sistema recomendado por organismos internacionais, como a Organização Mundial do Comércio(OMC), Organização Mundial de Saúde (OMS) e pelo MERCOSUL, além da Comunidade Europeia e Estados Unidos. Maia (2011, p. 13) afirma que, “no caso do Brasil, o Ministério da Saúde e o Ministério da Agricultura Abastecimento e Pecuária já têm ações com objetivos de adoção do Sistema APPCC”.

3.1.1 A taxa de câmbio nominal como fator determinante para competitividade nas exportações brasileiras de frutas.

A taxa do câmbio nominal é uma das variáveis que determinam o volume das exportações de um país. No Brasil, os contratos entre as empresas exportadoras de frutas nacionais e o mercado importador europeu são firmados em moedas estrangeiras (euro e dólar norte-americano) e os gastos na cadeia produtiva de frutas são efetuados em reais (moeda nacional), o que, obviamente, demonstra o quanto as exportações dependem da taxa de câmbio.

A desvantagem advém, primordialmente, dos baixos custos de produção dos países concorrentes. Por exemplo, a mão de obra de um trabalhador em uma fazenda produtora da manga é de US\$ 100,00 no Peru e Equador, enquanto que no Brasil o salário de uma pessoa com a mesma função é de US\$ 500,00; outra vantagem é a produção orgânica naqueles países, pois o Brasil ainda produz com auxílio de adubos químicos e agrotóxicos. Em suma, o alto custo da produção brasileira acaba tornando o país menos competitivo perante seus concorrentes no mercado internacional.

3.1.2 As infraestruturas brasileiras como fator determinante na competitividade das exportações de frutas

De acordo com os estudos do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2010), o setor rodoviário é de grande importância para o transporte de cargas no Brasil e, ao longo das décadas de 1990 e 2000, o modal rodoviário correspondia a mais de 60% do total de cargas transportadas no país. Isso significa que, com a inclusão do minério de ferro, que é transportado pelas ferrovias, as rodovias têm uma participação equivalente a 70% das cargas gerais.

Os problemas do modal rodoviário brasileiro são reflexos de um longo processo que vem se consolidando por várias décadas, embora tenha havido uma rápida expansão do segmento rodoviário relativamente ao conjunto com as demais modalidades. A forte dependência do transporte brasileiro de cargas em relação às rodovias fica mais evidente quando se compara com outros países de dimensão continental: nos Estados Unidos, a participação das rodovias no transporte de carga é de 26%; na Austrália, é de 24%; na China, essa dependência é de apenas 8% (BARTHOLOMEU, 2006, *apud* IPEA, 2010).

O IPEA (2010) afirma, ainda, que a dependência de rodovias brasileiras é maior no setor agrícola, seja para recebimento dos insumos, seja para o escoamento da produção. Por essa razão, a ineficiência do transporte rodoviário acarreta um impacto direto na renda dos produtores agrícolas que, conseqüentemente, sofrem forte influência negativa na lucratividade das suas exportações, pois os preços dos produtos exportados, em especial das frutas, são determinados pelo mercado importador, independentemente dos custos gerados na produção e no transporte.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Através dos resultados obtidos por meio do modelo *Constant Market Share*, pode-se fazer a análise dos três indicadores que são: o crescimento do mercado, destino das exportações e o efeito residual, ou seja, a competitividade, e de que forma cada um desses indicadores contribuiu para o crescimento das exportações brasileiras da fruticultura.

4.1 RESULTADOS DA APLICAÇÃO DO MODELO *CONSTANT MARKET SHARE*

Observa-se na Tabela 3 que, no primeiro período, a decomposição das fontes de crescimento demonstra que a principal responsável foi o efeito competitividade, o qual impulsionou as exportações brasileiras, e em menor parte se deve ao efeito crescimento do mercado mundial.

Tabela 3: Resultados do *Constant Market Share*, utilizando-se dados em quantidade exportada do Melão, para os seguintes efeitos: crescimento de mercado, destino das exportações e competitividade.

Melão	1990/91/92	1999/00/01	2007/08/09
Efeito	Crescimento efetivo	Crescimento efetivo	Crescimento efetivo
Variação das exportações	62%	59,62%	-7,52%
Crescimento do mercado	0,92%	1,56%	-2,88%
Destino das exportações	-87,62%	-3,45%	-0,87%
Efeito competitividade	149,53%	61,50%	-3,77%

Fonte: Resultados da pesquisa, 2012.

Quanto a isso, ressalta-se que, de acordo com a FAO (2010), quase 100% das exportações brasileiras do melão são direcionadas à Europa, portanto, neste período, o mercado europeu regrediu e o mercado mundial cresceu a uma ligeira taxa. Portanto, a queda de -87,62% é explicada pela falta de acesso dos produtores e exportadores brasileiros aos outros mercados, lembrando que os EUA têm o maior mercado mundial do melão, logo, o país não tem participação nessa área. Apesar de no primeiro e segundo subperíodos o Brasil ter sido bastante competitivo no mercado europeu, acredita-se que se os exportadores brasileiros tivessem acesso a outros mercados, as exportações nacionais do melão poderiam crescer cerca de 149,53%. É válido frisar que o efeito destino das exportações só será positivo

se o país tiver concentrado as suas exportações em mercados que experimentaram maior dinamismo no período analisado, e negativo se concentrado em regiões mais estagnadas.

No segundo período, as exportações brasileiras do melão cresceram 59,62%, e o fator determinante do crescimento foi o efeito competitividade, com 61,50%, seguido do crescimento do mercado mundial, com uma modesta taxa de 1,56%. Mais uma vez, o efeito destino das exportações não contribuiu para exportações brasileiras do melão em função da falta de acesso dos produtores e exportadoras brasileiros aos mercados com alta taxa do crescimento como dos EUA, Canadá e Japão. É importante salientar que neste período o mercado europeu importou abaixo da importação mundial, ou seja, o mercado europeu importou abaixo dos principais países importadores do melão que estão fora do continente europeu.

Ainda conforme se apresenta na Tabela 3, no último período, sobretudo no ano de 2009, as exportações brasileiras caíram -7,52%, sendo que o fator determinante desse decréscimo foi o efeito competitividade, seguido da queda do efeito crescimento do mercado mundial e também, por último, o efeito mercado do destino, que apresentou retração. Segundoos produtores e exportadores brasileiros ouvidos, neste período o câmbio nominal ou queda no dólar foi fator que inviabilizou a competitividade. Os dados da FAO (2010) mostram que, neste mesmo período, e em função da crise na Europa, o mercado europeu diminuiu a importação do melão de forma significativa e outros potenciais importadores, como EUA e Canadá, aumentaram as suas importações no mesmo ano de 2009, lembrando que os exportadores brasileiros do melão praticamente não participam no mercado norte-americano.

No caso da uva, para o primeiro subperíodo analisado (Tabela 4), as exportações brasileiras cresceram a 190%, e este crescimento foi impulsionado pelo efeito competitividade, que se desenvolveu 166,83%, seguido do crescimento do mercado mundial edo destino das exportações. É importante lembrar que neste período, apesar da alta taxa do crescimento das exportações brasileiras de uva, o Brasil não tinha entrado pela estatística da FAO na lista dos vinte principais exportadores da uva, o que veio a acontecer apenas a partir de 2001.

Tabela 4: Resultados do *Constant Market Share*, utilizando-se dados em quantidade exportada da uva, para os seguintes efeitos: crescimento de mercado, destino das exportações e competitividade

Uvas	1990/91/92	1999/00/01	2007/08/09
Efeito	Crescimento efetivo	Crescimento efetivo	Crescimento efetivo
Variação das exportações	190%	346%	-36%
Crescimento do mercado	12,41%	26,50%	7,55%
Destino das exportações	11,57%	-1,38%	-4,40%
Efeito competitividade	166,83%	321%	-39,84%

Fonte: Resultados da pesquisa, 2012.

No segundo período, as exportações brasileiras cresceram 346%, e o efeito competitividade foi o fator determinante do crescimento, com 321%; outro fator que contribuiu positivamente foi o crescimento do mercado mundial (26,50%) e o destino das exportações não contribuiu nas exportações da uva brasileira neste período.

No último período analisado, as exportações brasileiras de uva apresentaram queda de -36%, lembrando que, dentre todas as culturas que compõem a cesta de análise ora estudada, a produção da uva é a mais custosa e, com isso, em caso de crise, a queda pode ser brusca. O efeito competitividade foi o principal responsável no declínio das exportações da uva brasileira, e é importante lembrar que, desde 2008, a competitividade das exportações de frutas brasileiras vem sendo afetada pelo câmbio nominal, ou seja, desvalorização do “dólar americano”, uma vez que as despesas do setor são feitas em moeda nacional. O crescimento do mercado mundial foi o único efeito que contribuiu de forma positiva, mas, mesmo assim, não conseguiu compensar as perdas nas exportações deste período. No que se refere ao crescimento do mercado mundial, segundo dados da FAO (2010), apesar da queda significativa no volume da importação de uva por parte dos países europeus, alguns outros – como Canadá; China, Hong Kong; China; Bangladesh; Tailândia; Paquistão etc. – aumentaram as suas exportações no período de 2008 a 2009, e o Brasil não exporta para esses países ou em alguns tem uma participação insignificante, como é o caso dos EUA.

Conforme visto na Tabela 5, o mercado mundial da manga no primeiro subperíodo (1990/1991/1992) cresceu 48,63%, e neste tempo o Brasil exportou grande volume da fruta em função do efeito crescimento do mercado mundial, que se desenvolveu 37,73%, seguido do efeito competitividade, 10,89%, e o efeito destino das exportações, que contribuiu de forma negativa. Tradicionalmente, o Brasil é um país conhecido como um dos principais produtores e exportadores da manga para o mercado internacional, portanto, ao longo dos últimos anos, o país se configura nas estatísticas da FAO como um dos cinco principais países exportadores.

Tabela 5: Resultados do *Constant Market Share*, utilizando-se dados em quantidade exportada da Manga, para os seguintes efeitos: crescimento de mercado, destino das exportações e competitividade.

Manga	1990/91/92	1999/00/01	2007/08/09
Efeito	Crescimento efetivo	Crescimento efetivo	Crescimento efetivo
Variação das exportações	48,63%	76%	-0,76%
Crescimento do mercado	37,73%	25%	12%
Destino das exportações	-2,56%	-14,86%	-18%
Efeito competitividade	10,89%	65,49%	5,25%

Fonte: resultados da pesquisa

As exportações brasileiras aumentaram 76%, e o fator decisivo para esse crescimento foi o efeito competitividade, com 65,49%, seguido do aumento do mercado em 25%; o destino do produto não teve participação nas exportações da manga brasileira, sendo que, comparando com outros, o mercado europeu permaneceu estagnado neste período, o que implica que, apesar de o Brasil ser competitivo neste contexto, os exportadores brasileiros poderiam ganhar mais se tivessem oportunidade de comercializar em outros mercados.

No último subperíodo analisado, as exportações brasileiras registraram uma ligeira queda de -0,75%, impulsionada pelo destino das exportações. É importante salientar que em 2009 os países europeus reduziram as importações de forma drástica, e essa redução se deve em função da crise que ocorreu naquele continente. O efeito crescimento do mercado mundial apresentou uma ampliação de 12%, enquanto que o efeito competitividade se elevou em 5,25%. De acordo com os produtores e exportadores, a queda das exportações brasileiras de manga em 2009 se deve em função da desvalorização do câmbio nominal, o qual inviabilizou a competitividade do setor.

Relativo ao mamão (Tabela 6), no primeiro subperíodo analisado (1990/91/92), fator que mais contribuiu para aumento das exportações brasileiras foi o efeito destino das exportações com 51,67%, com relação ao efeito competitividade, o país mostrou desfavorável nesse quesito com uma queda significativa de -35% e também o efeito mercado mundial registrou uma retração de -11,25%.

Tabela 6: Resultados do *Constant Market Share*, utilizando-se dados em quantidade exportada do Mamão, para os seguintes efeitos: crescimento de mercado, destino das exportações e competitividade.

Mamão	1990/91/92	1999/00/01	2007/08/09
Efeito	Crescimento efetivo	Crescimento efetivo	Crescimento efetivo
Variação das exportações	5,42%	58,80%	-0,76%
Crescimento do mercado	-11,25%	38,36%	12%
Destino das exportações	51,67%	32%	-18%
Efeito competitividade	-35%	-11,56%	5,25%

Fonte: Resultados da pesquisa, 2012.

No segundo subperíodo analisado, o importante fator que colaborou para as exportações brasileiras de mamão foi o efeito crescimento do mercado mundial, com 38,36%, seguido do destino das exportações que também apresentou uma elevação de 32%, portanto o efeito competitividade deixou de contribuir -11,56%, é importante observar que neste subperíodo as exportações brasileiras do mamão cresceram para o mercado mundial a 58%.

No último subperíodo o país registrou a ligeira queda de 0,76%, nas exportações do mamão, essa queda só não foi pior em função do mercado mundial que impulsionou as exportações brasileiras a 12%, seguido do efeito competitividade 5,25%, destino das exportações retraiu em consequência da crise na zona do euro.

De acordo com a FAO (2010), a Espanha é o maior exportador do melão em nível mundial, e as safras brasileiras do melão coincidem com a entressafra da produção espanhola, o que facilita em grande parte as exportações do Brasil para o velho continente.

Em 2010, a União Europeia (UE) foi o maior importador do melão brasileiro: os países deste bloco econômico influíram mais de 98% do total de volume exportado do Brasil. Entre os países da UE, só a Holanda importou 59,68% de todas as exportações do melão brasileiro, levando-se em conta que a maior parte das frutas brasileiras entra na Europa pelo porto de Rotterdam, que é um dos maiores e mais importantes portos do continente europeu. A Nafta emerge com a participação efetiva dos Estados Unidos e do Canadá na importação dessa fruta, sendo que o México possui capacidade produtiva própria; entre os países da América do Sul, se destacam a Argentina, Uruguai e Paraguai que, juntos, importaram apenas 0,12% dos volumes das exportações brasileiras do melão.

4.2 RESULTADOS DA APLICAÇÃO DO MODELO DE VANTAGENS COMPARATIVAS REVELADAS

Os resultados da aplicação das Vantagens Comparativas Reveladas (VCR) das frutas melão, uva, manga e mamão são apresentados na Tabela 7. Os dados para o cálculo das VCR foram coletados através da FAO e da Divisão de Estatísticas das Nações Unidas (COMTRADE). Inicialmente, a intenção era fazer uma análise deste modelo para um período mais longo igual ao utilizado na aplicação do modelo *Constant Market Share*, mas devido à indisponibilidade de dados, a análise foi restringida apenas a um período de 10 anos, que variou entre 2000 a 2009.

Dos quatros culturas analisadas, o mamão apresenta a maior vantagem, apesar das flutuações no decorrer dos anos analisados. Aliás, todos os produtos apresentaram índices acima da unidade, demonstrando que possuem vantagens comparativas em relação aos seus concorrentes internacionais. Dentro do período analisado, o mamão apresentou em média 4,74% da Vantagem Comparativa Revelada, seguindo do melão com 3,87%, a manga com 3,47% e a uva com 2,15%. O Brasil se destaca

na produção e exportação de todas essas culturas, ocupando assim os lugares de destaque na classificação mundial de exportadores a partir das estatísticas oficiais da FAO e COMTRADE.

Tabela 7: Vantagens Comparativas Reveladas (VCR) em % para cada produto (2000-2009).

Período	Melão	Uva	Manga	Mamão
2000	1,17	1,72	2,83	4,61
2001	1,49	2,53	3,68	4,26
2002	1,36	3,40	3,69	4,36
2003	1,19	3,68	2,63	3,40
2004	7,86	1,93	1,37	1,55
2005	7,23	2,36	1,01	3,28
2006	5,04	1,96	7,49	1,03
2007	4,62	1,74	4,90	8,64
2008	3,60	1,07	4,12	6,85
2009	5,17	1,11	5,67	9,54

Fonte: Resultados da pesquisa, 2012.

A competitividade no setor exportador das frutas brasileiras se deve em função de vários fatores, entre os quais se pode destacar a taxa do câmbio nominal que nos últimos anos vem dificultando as exportações brasileiras, lembrando que os contratos, seja por meio formal ou informal, são firmados em dólar ou euro, e o custo de produção das empresas nacionais é feito em moeda local; logo, qualquer valorização dessas moedas estrangeiras eleva os custos das empresas do país.

A qualidade das frutas é um dos fatores determinantes da competitividade, lembrando-se que neste setor a qualidade é vista sob duas óticas: tanto nos atributos internos das frutas (relacionado fundamentalmente aos danos ao meio ambiente em seu processo produtivo, ausência de aditivos e conservantes, ausência de resíduos químicos, valor nutritivo e confiança do consumidor nos produtos ou empresas) e atributos externos, referentes à cor, aparência, formato dos produtos, etc. (SOUZA; AMATO NETO, 2006).

5 CONCLUSÃO

O trabalho aqui desenvolvido propôs-se a avaliar a competitividade das exportações brasileiras de frutas para o mercado europeu, com base no modelo *Constant Market Share*, ressaltando que este modelo mostra se o país em questão está exportando em função do crescimento do mercado mundial, destino das exportações ou competitividade.

Em termos da produção, o Brasil ocupa a terceira posição, atrás apenas da China e da Índia; com relação às exportações, o país ainda deixa a desejar, uma vez que a comercialização de frutas para o mercado internacional não chega a 10% da sua produção total, portanto, o baixo volume das exportações brasileiras de frutas é explicado não apenas por seu amplo e potencial mercado interno, mas pela falta de acesso ao mercado internacional dos produtores e exportadores nacionais (FAO, 2010).

O acesso ao mercado internacional de frutas é custoso devido a vários fatores como, por exemplo, o valor de certificação de qualidade (selo) de frutas e a precariedade da infraestrutura modal brasileira (rodovias, ferroviárias, portos e aeroportos), o que compromete o escoamento da produção agrícola, ou seja, no transporte de frutas das fazendas para os pontos de embarque, muitas vezes o custo desse deslocamento supera a despesa com a exportação por navio ou avião.

Apesar desses entraves, o país tem a capacidade de elevar de forma substancial sua participação nos mercados internacionais, através de uma compilação de investimentos específicos do setor público e privado.

O país apresenta uma Vantagem Comparativa em todas as frutas que compõem a cesta analisada. Porém, mesmo com esta vantagem na produção e geração de excedente para exportar, existem outros fatores determinantes nas exportações brasileiras de frutas. Com base nos resultados obtidos com a aplicação do modelo CMS, o Brasil é competitivo no mercado europeu do melão, tendo sido observado que o crescimento desse mercado no período analisado superou o do mercado mundial e influenciou a comercialização do melão brasileiro neste contexto.

As exportações da uva brasileira cresceram a taxas expressivas, e o país é competitivo no mercado europeu em função da qualidade da produção dessa fruta. De fato, a uva brasileira é bastante aceita no mercado europeu, sobretudo no Reino Unido.

Ao longo dos últimos anos, o Brasil vem atendendo à exigência do mercado importador com relação à nova prática de produção visando a uma diminuição no nível de agrotóxicos e preservação do meio ambiente. Isso faz com que atualmente o país produza frutas de qualidade, lembrando que o Brasil é o único país do mundo que produz manga durante todo o ano, e estes dois fatores são responsáveis pela competitividade da manga brasileira no mercado europeu.

Apesar de o Brasil ser o segundo maior exportador do mamão (FAO, 2010), o país não é competitivo nas exportações deste produto, realizando-a apenas em função do mercado do destino (mercado europeu) que cresce a taxas significativas. No último período analisado, o Brasil se tornou competitivo, apesar de ter sido uma época de crise que afetou o mercado importador.

Em 2009, as exportações mundiais aumentaram enquanto o Brasil seguiu a rota contrária por conta do câmbio. Isso fez com que algumas empresas produtoras e exportadoras desistissem de fornecer suas frutas para o mercado internacional e resolvessem permanecer apenas entregando no mercado interno. No mesmo período, enquanto os produtores e exportadores de frutas brasileiras se deparavam com dificuldades cambiais, o mercado europeu também diminuiu a demanda pela importação de frutas brasileiras, em função da crise na Europa, sobretudo na chamada Zona do Euro.

Mesmo assim, os resultados apontam para amplas possibilidades de crescimento na exportação das frutas analisadas, desde que existam melhorias de infraestrutura, suficientes políticas de fomento à produção e apoio aos produtores por parte das entidades responsáveis pela regulação do setor.



REFERÊNCIAS

ALBANO, G. P. Multinacionais de bananicultura e exploração do trabalhador. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 19. São Paulo, 2009. Anais... São Paulo: USP, 2009. p. 01-22. Disponível em: <http://www.geografia.fflch.usp.br/inferior/laboratorios/agraria/Anais%20XIXENGA/artigos/Albano_GP.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2011.

ANDRIGUETO, J. R.; NASSER, L. C. B. TEIXEIRA, J. M. A. A Produção Integrada de Frutas (PIF) e o Sistema Agropecuário de Produção Integrada (SAPI). In: SOBRINHO, R. B. et al. (Orgs.). Produção Integrada de Melão. Fortaleza: Embrapa Agroindústria Tropical; Banco do Nordeste do Brasil, 2008. p. 17-28.

BENITES, A. T.; VALÉRIO, L. M. Competitividade – uma abordagem do ponto de vista teórico. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 4. Campo Grande, 2004. Anais... Campo Grande: Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2004. Disponível em: <<http://www.ufms.br/dea/oficial/HTM/artigos/administra%E7%E3o/Pol%EDtica%20de%20Neg%F3cios%20e%20Economia%20de%20Empresas/competitividade%20art.pdf>>. Acesso em: 08 jul. 2011.

DI SERIO, L.; VASCONCELLOS, M. A. Estratégia e Competitividade Empresarial: Inovação e Criação de Valor. São Paulo: Saraiva, 2009.

FARINA, E. M. M. Q. Competitividade e coordenação de sistemas agroindustriais: um ensaio conceitual. Gest. Prod. São Paulo, v. 6, n. 3, p. 147-161, 1999. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-530X1999000300002>>. Acesso em: 20 jul. 2011.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS (FAO). Produção e Exportação de frutas, 2010. New York: United Nations, 2010. Disponível em: <<http://faostat.fao.org/site/342/default>>. Acesso em: 26 jul. 2010.

GALVÃO, A. S.S. Ciclos econômicos recentes e perspectivas para a região do submédio Vale do São Francisco com ênfase na fruticultura irrigada. 2010. Dissertação (Mestrado em Economia) – Programas de Pós-Graduação em Economia, Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Recife.

HOLANDA, Marcos C. Dinâmica e determinantes da vantagem comparativa: O Exemplo Asiático. Texto para Discussão nº230. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará- UFC, Pós- Graduação em Economia. Disponível em: <<http://www.caen.ufc.br/pesquisa/td/pdf>> Acesso em 27 de junho de 2011.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONOMICA APLICADA (IPEA). Gargalos e demandas da infraestrutura rodoviária e os investimentos do PAC: Mapeamento IPEA de Obras rodoviárias. IPEA, texto para discussão. Brasília: IPEA, 2010.

LEAMER, E. E.; STERN, M. R. Constant-market-share of export growth. Quantitative international economics. Boston: Allyn and Bacon, 1970. Cap.7, p.171- 183.

MAIA, J. D. G. Instrução Normativa para a Produção de Uva Fina de Mesa. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento - MAPA 2002. Disponível em: <<http://www.hortibrasil.org.br/galeria>>. Acesso em 26 jul. 2011.



MARTINELLI, O.; CAMARGO, J. M. A cadeia de frutas frescas no âmbito das configurações produtivas globais. Documentos Técnico-Científicos. Revista Econômica do Nordeste, Fortaleza, v. 33, n. 2, abr.-jun. 2002. Disponível em: <<http://www.bnb.gov.br/projwebren/Exec/artigoRenPDF>>. Acesso em: 26 maio 2011.

PORTER, M. E. Estratégia competitiva: técnicas para análise de indústrias e da concorrência. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

RODRIGUES, J. Competitividade das Exportações Brasileiras de Frutas para o Mercado Europeu. 2012. 107 f. Dissertação (Mestrado em Administração e Desenvolvimento Rural) – Programa de Pós-Graduação em Administração e Desenvolvimento Rural (PADR), Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Recife.

SANTOS, M. Contribuição à compreensão do conceito de competitividade nas organizações. In: SEMINÁRIOS EM ADMINISTRAÇÃO FEA-USP, 9. São Paulo, 2006.

Disponível em: <http://www.ead.fea.usp.br/semead/9semead/resultado_semead/trabalhosPDF/11.pdf> Acesso em: 08 jul. 2011.

SEREIA, V. J.; NOGUEIRA, J. M.; CÂMARA, M. R. G. As exportações paranaenses e a competitividade do complexo agroindustrial. Revista Paranaense de desenvolvimento, Curitiba, n. 103, p. 45-59, jul./dez.2002.

SILVA, E. A. Competitividade das exportações de plantas vivas e produtos de floricultura do Ceará e do Brasil no período de 1998 a 2004. 2006. 78 f. Dissertação (Mestrado em Economia Rural) – Pós-Graduação em Economia Rural, Universidade Federal do Ceará -UFC, Fortaleza.

SOUZA, R. C.; AMATO NETO, J. A. Exportações brasileiras de frutas certificadas: Oportunidades de negócios para o empresário rural. In: ZUIN, L. F. S.; QUEIROZ, T. R. (Orgs.). Agronegócios: Gestão e Inovação. São Paulo: Saraiva, 2006. p. 396-430.

TURINA, Luís G. P.; BURNQUIST, Heloísa L. Análise do Impacto de Medidas Sanitárias e Fitossanitárias Sobre Exportações Brasileiras de Alimentos Processados. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Econômicas) – Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz. Disponível em: <<http://www.cepea.esalq.usp.br/pdfs>>. Acesso em: 03 jun. 2011.

UNITED NATIONS COMMODITY TRADE STATISTICS DATABASE (COMTRADE). Dados das Exportações Brasileiras de Frutas. New York: United Nations, 2011. Disponível em: <<http://comtrade.un.org/db/mr/rfCommoditiesList>>. Acesso em: 20 jul. 2011.

VITTI, A. Análise da Competitividade das exportações brasileiras de frutas selecionadas no mercado internacional. 2009. 107 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola Superior de Agricultura, Universidade de São Paulo. Piracicaba-SP, 2009. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/11/11132/tde-13042009-153812/publico/Aline_Vitti.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2011.